

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-04-04

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Marques, J. S., Azevedo, E., Quintão, C., Veloso, L. & Rocha, F. (2023). Do chão do Alto Minho: Uma investigação-ação sobre arte, educação e território. In Luísa Veloso, Magda Henriques, Carlota Quintão, Joana Marques (Ed.), *Mutantes das Comédias do Minho: Territórios, artes e aprendizagens*. (pp. 102-133). Paredes de Coura: Comédias do Minho.

Further information on publisher's website:

<https://a3s.webnode.pt/l/livro-mutantes-das-comedias-do-minho/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Marques, J. S., Azevedo, E., Quintão, C., Veloso, L. & Rocha, F. (2023). Do chão do Alto Minho: Uma investigação-ação sobre arte, educação e território. In Luísa Veloso, Magda Henriques, Carlota Quintão, Joana Marques (Ed.), *Mutantes das Comédias do Minho: Territórios, artes e aprendizagens*. (pp. 102-133). Paredes de Coura: Comédias do Minho.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.



Do chão do Alto Minho: uma investigação-ação sobre arte, educação e território

Edgar Azevedo, Joana Marques, Carlota Quintão,
Filipa Rocha, Luísa Veloso



Não existem diferenças entre o céu de Berlim e o céu do Alto Minho, apesar de o céu de Berlim transportar o nosso coração para uma iconografia longínqua que escorre das viagens, dos livros, dos filmes e dos documentários. Porém, a diferença não é etérea nem metafísica; a diferença está no chão. Passamos a vida a olhar para o céu quando tudo está aos nossos pés. A diferença não está num imaginário onírico e, muito menos, na casca da realidade, a diferença está nas pessoas, os céus, os céus, esses são iguais e quando existem fora das pessoas simplesmente não têm vida. Vítor Paulo Pereira, em A Metamorfose das Paisagens – Comédias do Minho 2004-2013 (2014, p.11)

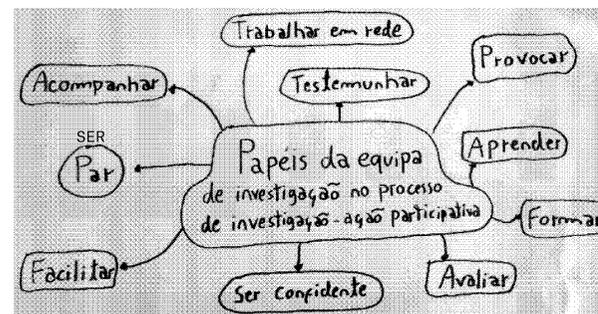
1. De onde vimos

Quando a Associação A3S iniciou a sua colaboração no projeto Mutantes, havia já um percurso de vários anos de conversas com as Comédias do Minho. Momentos de partilha de experiências, inquietações e aspirações, sobretudo com a diretora artística Magda Henriques, mas também com todos os elementos da instituição, desde a equipa até à direção, pela dinamização de ações de qualificação da sua gestão organizacional. Deu-se, assim, continuidade a premissas incessantemente procuradas na nossa ação, em particular as de concretizar processos de intervenção e reflexão duradouros e consequentes e de sedimentar parcerias para construir alternativas (que exigem, necessariamente, temporalidades longas) às condições estruturais de reprodução das desigualdades e das injustiças sociais.

Para a A3S foi também a continuidade de uma trajetória de acompanhamento de projetos diversos na área da inclusão social através das artes. Uma trajetória pautada por estimulantes desafios na interseção de múltiplos eixos de reflexividade, tais como o metodológico, o deontológico e o temático. O desafio de desenvolver metodologias de trabalho com vista a transformar a auscultação (captação da voz) dos diversos atores sociais envolvidos em momentos de aprendizagem mútua e, deste modo, tornar este procedimento o *modus operandi* dos projetos. O desafio de desempenhar múltiplos papéis deontológicos entre a consultoria, a avaliação e a investigação-ação. O desafio de promover o diálogo entre os mundos da arte e da cultura e os da edu-

cação, da ação social e do trabalho na área da neurodivergência ou da idade maior.

Em suma, o estímulo de desafiar e questionar de forma crescente o nosso lugar e a nossa ação em encruzilhadas múltiplas e onde princípios como os da investigação-ação participativa e da educação para o desenvolvimento e a cidadania global têm vindo a emergir como guias de orientação e de intervenção. No primeiro caso, trata-se de uma abordagem assente no envolvimento ativo de participantes no processo de investigação, respeitando e valorizando os seus conhecimentos, procurando-se estabelecer uma relação de maior equidade entre quem investiga e quem é investigado/a (figura 1).



Fonte: Conceção própria, adaptado de Bydon-Miller et al., 2022.

No segundo caso, trata-se de adotar uma lente de interpretação e aprendizagem a partir das realidades complexas que nos rodeiam, orientada para o exercício de pensamento crítico e reflexivo, reconhecendo as interdependências entre dinâmicas locais e globais, e procurando construir respostas que visam alcançar um maior equilíbrio social, económico e ambiental (figura 2).

Figura 1. Papéis da equipa de acompanhamento num processo participativo de investigação-ação

Dimensões da abordagem de educação para o desenvolvimento e a cidadania global



Figura 2. Dimensões da abordagem de Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global
Fonte: Quintão e Marques, 2022.

17. *Encontro Mutante – O mundo como sala de aula: trilhando caminhos, construindo cidadania com arte*, que teve lugar nos dias 14, 15 e 16 de abril de 2023, no Centro Cultural de Paredes de Coura. <https://www.comediasdominho.com/portfolio/encontro-mutante/>

Foi nesta trajetória que pudemos experimentar e consolidar abordagens, metodologias e aprendizagens, as quais mobilizamos para a avaliação do projeto Mutantes e para uma reflexão mais alargada sobre as Comédias do Minho.

A metodologia adotada, seguindo os princípios de investigação-participativa, integrou uma pluralidade de abordagens: análise da documentação nuclear do projeto; reuniões regulares de acompanhamento com a equipa das Comédias do Minho; observação das atividades-chave do projeto; auscultação de jovens dos dez concelhos envolvidos nos diferentes formatos de oficinas (sazonais e de continuidade); auscultação de agentes educativos e outros profissionais envolvidos nas oficinas de capacitação; questionários de avaliação; grupos focais com a parceria alargada do projeto (artistas, docentes, monitores/as, equipa das Comédias do Minho); entrevistas com responsáveis políticos; laboratório com uma amostra de atores sociais no contexto do Encontro final¹⁷.

Como resultados tangíveis do processo de acompanhamento e avaliação do projeto foram produzidos três relatórios (inicial, intercalar e final) com a análise sistemática do desempenho, resultados, impactes e sustentabilidade do Mutantes, os quais foram objeto de debate aprofundado com a equipa do projeto.

Este capítulo é um passo desta trajetória.

2. Inquietações e desafios

Constituindo, em grande medida, uma continuidade do tipo de trabalho já desenvolvido pelas Comédias do Minho¹⁸ no âmbito do seu Projeto Pedagógico, o Mutantes configurou-se como um desafio ampliado e renovado, não apenas para nós, equipa externa de avaliação e reflexão, mas sobretudo para as Comédias do Minho e para os vários atores sociais envolvidos neste processo.

Um desafio *ampliado* na escala territorial, porque foi um projeto que implicou aprofundar as atividades do Projeto Pedagógico das Comédias do Minho, não apenas nos cinco municípios fundadores, mas também nos restantes cinco que compõem o Alto Minho¹⁹. Embora a realização de atividades nestes últimos já tivesse ocorrido pontualmente, o Mutantes implicou uma programação sistemática no dobro dos municípios que integram a sua atividade regular. Um desafio, igualmente, na escala numérica, em quantidade e tipologia de atividades, bem como em quantidade e tipologia de participantes abrangidos: jovens; artistas; docentes; monitores/as; mediadores/as e outros agentes educativos; equipas técnicas, artísticas, de produção e comunicação; responsáveis políticos. E, ainda, um desafio ampliado no tempo, pois a escala de intervenção territorial, numérica e por tipologia de participante, traduziu-se em atividades regulares e de continuidade ao longo de dois anos sucessivos.

Constituiu um desafio *renovado* por três ordens de razões.

A primeira, porque significou uma oportunidade de consolidação e aprofundamento das abordagens e metodologias já desenvolvida pelas Comédias do Minho no território, o que se tornou possível devido à existência de uma equipa de produção em dedicação exclusiva ao projeto. Renovado também, porque, embora consciente e ativamente comprometida com os fins da justiça social, foi uma oportunidade de as Comédias do Minho realizarem uma candidatura que permitia aprofundar de forma ativa e atenta o cruzamento do trabalho no campo das artes com objetivos de inclusão ativa de jovens e grupos vulneráveis, o que contemplou uma exigência adicional de desenho das atividades, de extensão temporal e territorial e o diálogo com as equipas de ação social dos municípios e das escolas.

A segunda, porque o projeto Mutantes permitiu um trabalho de acompanhamento e reflexão crítica em colaboração com a A3S, num

18. Ao longo deste capítulo são referidas diversas iniciativas, produtos e programas de atividades das Comédias do Minho, informação que pode ser acessada para melhor contextualização através do seu sítio na internet: www.comediasdominho.com.

19. As Comédias do Minho são uma associação de Municípios composta por Valença, Monção, Melgaço, Vila Nova de Cerveira e Paredes de Coura. O projeto Mutantes estendeu-se a Arcos de Valdevez, Caminha, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo.

momento com um pendor simbólico, já que coexistiu com os 20 anos de existência das Comédias do Minho. O momento presente marca uma década após o último exercício abrangente de reflexão crítica sobre o percurso das Comédias do Minho, plasmado na publicação *Metamorfose das Paisagens – Comédias do Minho 2004-2013*. Estamos perante um momento em que, internamente, se reequacionam as premissas originais e o património construído, perante a mudança substantiva do contexto social, económico, político, e do próprio setor cultural, na região, no país e no mundo.

A terceira, porque também a *Produção de Conhecimento: linguagens poéticas e científicas*, a par dos eixos fundadores da intervenção das Comédias do Minho – Companhia de Teatro, Projeto Pedagógico e Projeto Comunitário – tem vindo a trilhar o seu caminho com atividades tais como a *Universidade Invisível*, a *Rádio Comédias do Minho – A imaginação sem fios* ou ainda a produção de filmes e documentários. O presente desfecho do projeto Mutantes, constitui uma oportunidade de construção de uma publicação e um programa alargado condensado num encontro. Um programa de encontro de pessoas do território e de outros territórios, de instituições várias e de ideias, para debater evidências do trabalho desenvolvido, para refletir, redefinir e reafirmar. Para celebrar.

O Mutantes assumiu como enunciado de partida esta articulação frutífera entre os eixos de intervenção das Comédias do Minho: Arte – Educação (e Escola em particular) – Reflexão – Território, que se configurou, neste projeto, de uma forma condensada, entrelaçada, expandida. Convocou a avançar na intervenção e na análise destas articulações.

É sobre o desenrolar deste processo que nos debruçamos ao longo deste capítulo, partindo do Mutantes para fazer uma reflexão mais ampla sobre o trabalho das Comédias do Minho.

Enquanto sujeitos responsáveis pela facilitação deste processo de investigação-ação, segmentamos a nossa partilha de diálogos e aprendizagens em três partes. Começamos por dar conta de alguns dos principais debates de ideias, de questões e de desafios que surgiram ao longo do percurso de acompanhamento próximo com a equipa do Mutantes. Na segunda parte, convocamos uma matriz de análise em construção para elaborar uma reflexão sobre o lugar e o papel das Comédias do Minho na interseção entre a arte e o território. Finalmente, partimos dos resultados da avaliação do projeto Mutantes para refletir sobre o

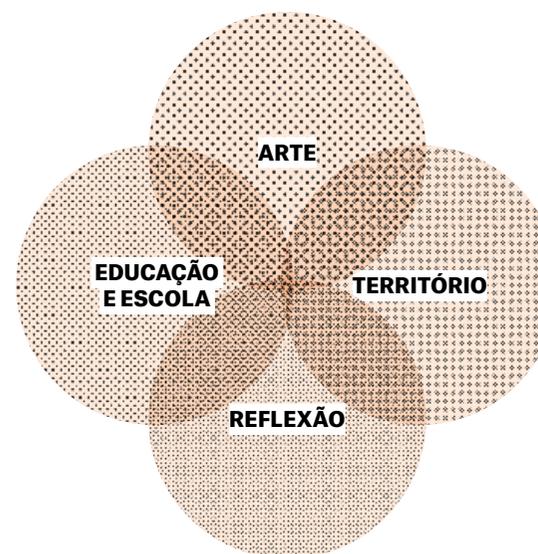


Figura 3.
Matriz do projeto
Mutantes

papel e o potencial de transformação das várias categorias de atores sociais que nele participaram enquanto eixo pedagógico da missão das Comédias do Minho. Enquanto eixo que coloca a educação e a escola no lugar de formação das novas gerações, mas também da educação enquanto aprendizagem ao longo da vida para as comunidades que habitam um território.

Terminamos com a elaboração de algumas conclusões e pistas de continuidade, bem como com a exposição de conclusões e reflexões partilhadas por diferentes atores participantes do Encontro final.

3. Projeto mutantes: um percurso de desconstruções e coconstruções

Na continuidade do trabalho de permanência já desenvolvido pelas Comédias do Minho nos seus cinco municípios, o Mutantes surge com os objetivos nucleares de: promover a “inclusão social” e o “empoderamento” de jovens pelas práticas artísticas, designadamente jovens em situação de “vulnerabilidade social”; valorizar a diversidade socio-cultural; e, paralelamente, capacitar diferentes profissionais com ferramentas que ajudem a criar uma relação mais rica com jovens.

Os termos de partida, assinalados entre aspas e que são os recorrentes em projetos com objetivos de natureza “social”, inscrevem noções e abordagens que foram sendo questionadas e desconstruídas ao longo do projeto Mutantes: incluir e empoderar, concebidos numa perspetiva abrangente, são termos que subentendem o poder de um grupo em relação àqueles que serão incluídos e empoderados; por sua vez, a vulnerabilidade social não é algo que se determine por categorias administrativas estanques; é, antes, um conceito situacional, não binário, que transita por uma escala fluida de situações (Martinho, 2022).

Para concretizar os objetivos definidos, o projeto Mutantes configurou-se numa tipologia de três ciclos de oficinas (conforme apresentado no editorial): Oficinas Sazonais de teatro, dança e música, que tiveram lugar nos períodos de férias escolares de Verão, Natal e Páscoa, realizadas em simultâneo nos dez municípios do Alto Minho; Oficinas de Continuidade, de carácter anual, alternando as linguagens de teatro e dança, decorrentes ao longo de todo o ano letivo 2021/22, também nos dez municípios; e Oficinas de Capacitação “Rota Mutante”, destinadas especialmente a profissionais que estão em contacto direto com jovens (docentes, mediadores e mediadoras da ação social e outros agentes educativos), realizando-se uma oficina de um dia em cada um dos dez municípios e compreendendo múltiplas linguagens, sobretudo artísticas mas não só (quatro de teatro, duas de música, duas de dança, uma de filosofia e uma de mediação).

Para a sua operacionalização, as Comédias do Minho desenvolveram um trabalho visando quebrar barreiras na entrada nas escolas e mobilizaram professores e professoras para acompanharem as oficinas de continuidade. Recrutaram monitoras e monitores em cada concelho

para o acompanhamento das oficinas sazonais. Desafiaram artistas e outras/os educadoras/es experientes de vários pontos do país para dinamizarem oficinas para que, ao longo de dois anos, “todos os caminhos fossem dar ao Minho”. Introduziram, assim, sessões regulares de teatro e dança junto de jovens que, de outra forma, muito dificilmente teriam acesso a estas práticas. Desconstruíram estereótipos de teatro e dança através de diferentes abordagens artísticas assentes no questionamento do eu individual na sua relação com “o outro”. Transformaram temas que são objeto de preocupação dos e das jovens em material criativo. Trabalharam elementos do desenvolvimento pessoal (tais como confiança e persistência) alcançando, frequentemente, experiências únicas e distintas das originalmente projetadas por jovens, monitoras/es e professores/as.

Cedo se evidenciaram barreiras, recorrentes em projetos de intervenção artística nas escolas e junto de jovens com trajetórias de vida marcadas por múltiplas vulnerabilidades. “Barreiras-desafio”, que superam a curta longevidade da lógica temporária de projeto.

Levantaram-se questionamentos vários.

Por um lado, *como captar e constituir grupos de jovens para concretizar propostas de práticas artísticas? Deve a criação destes contextos concebidos por outros/as – por nós, agentes educativos – imprimir uma lógica estrita de adesão voluntária, ou uma lógica de integração em atividades escolares e/ou de carácter obrigatório? E como podem os e as jovens, socialmente distantes do universo do setor cultural, e das artes performativas em particular, desejar, e mesmo aspirar, a experimentar o que desconhecem? Como criar contextos em que os e as jovens sintam estímulo e segurança para superar automatismos e expor-se a experiências que trazendo desconfortos e receios, abrem a possibilidade de os superar e alcançar novas formas de estar, sentir, pensar e agir? De abrir novos horizontes sobre as suas capacidades, aspirações e possibilidades?*

E, por outro lado, *como gerir a irreverência e a indisciplina? Como as definir? Como captar o necessário esforço de concentração perante desafios que resistem ao imediatismo e gratificação superficial? Que capacidades precisam os e as artistas de desenvolver para desempenhar este trabalho? Quem pode e deve agir em situações de conflito? Qual é o papel da equipa Mutantes, dos/as professores/as, dos/as monitores/as e dos/as artistas?*

Com “muitas perguntas dentro”²⁰, as atividades desenvolvidas no quadro do projeto Mutantes permitiram comunicar, arriscar, mobi-

20. Constituiu o mote a um encontro organizado pelas Comédias do Minho no arranque do ano letivo 2022-23: “Uma tarde com muitas perguntas dentro”, para refletir sobre o que cada pessoa pode fazer para tornar a utopia em realidade.

21. Reflexão de Andrea Ghelfi no âmbito de um evento organizado pelo coletivo Common Ecologies (<http://commonecologies.net>).

22. Carta Aberta pelo Direito ao Lugar, desenvolvimento no âmbito do projeto Ligações (<https://sites.google.com/view/projetoligacoes>).

lizar e cuidar das e dos participantes com uma equipa dedicada que, superando os desafios da extensão do território, criou pontes e manteve uma presença permanente nos dez municípios do Alto Minho.

As Comédias do Minho mobilizaram também, com avanços e recuos, o poder local. O acesso a condições logísticas e de captação de públicos na implementação das atividades, o acesso aos equipamentos culturais e ao lugar na programação cultural de cada município.

O projeto Mutantes produziu registos videográficos que refletem o processo desenvolvido e um encontro e publicação finais, que procuram sedimentar as aprendizagens e convocam à partilha e reflexão a partir de distintas pertenças regionais, culturais, artísticas e profissionais.

O projeto Mutantes foi acompanhado pela produção sistemática de informação por parte da A3S, promovendo a produção e sistematização de conhecimento sobre o projeto e sobre a relação entre arte e inclusão social, procurando facilitar, escutar e amplificar múltiplas vozes.

Em conversas questionámos a necessidade de mutar também o vocabulário que enforma a realidade, afirmámos a propriedade de estar nas margens sociais, económicas e culturais, de lutar pelas opções tomadas, inspirámo-nos noutros fóruns em que se reflete sobre como usar o imaginário e a força política do slogan “direito à cidade” em prol da reivindicação do “direito ao rural”²¹, que encontramos também afirmado em Portugal no movimento pelo “direito ao lugar”²².

Lembrámos ainda os debates e processos de outras geografias, em torno da formação do sujeito periférico, assente na afirmação de uma nova subjetividade a partir da periferia, centrada no orgulho (e não no estigma) dessa condição e na atuação política a partir dela (D’Andrea, 2022). Daqui, reafirmámos a centralidade dos outros dois objetivos nucleares do projeto: a valorização da diversidade, misturando jovens com características heterogéneas na constituição dos grupos; a dimensão sistémica no trabalho com docentes, mediadoras/es, técnicos/as sociais e outros/as profissionais ligados às/aos jovens, no sentido de considerarmos que não basta trabalhar com os “públicos-alvo” – muito pelo contrário, é fundamental contribuir para criar e sedimentar uma massa crítica de pessoas, pensamento, desejos e aspirações nos territórios. Por esta via, pretendeu-se facilitar a participação de todas as pessoas, independentemente da sua origem cultural e social e provocar “encontros” e “disrupções”, termos-chave que foram surgindo nas nossas auscultações. Em suma, tratou-se de coconstruir.

Desta matriz plural de atores se fez o projeto Mutantes, um “nós” coletivo em construção.

Na presente reflexão, durante a reta final deste percurso, partimos dos estímulos e inspirações das inúmeras partilhas e dos resultados da análise e avaliação do projeto Mutantes, para questionar:

- Como é que a experiência de acompanhamento e avaliação do projeto Mutantes nos leva a refletir sobre o lugar e o papel das Comédias do Minho no território?
- E em que se consubstancia a singularidade das Comédias do Minho?
- Como se tem vindo a edificar no chão do Alto Minho ao longo de duas décadas?

4. Encontros frutíferos entre as comédias do minho e o desenvolvimento local

O título deste ponto inspira-se num artigo de Jordi Estivill (2022) que serve de pano de fundo à reflexão-intervenção da A3S na interseção entre o campo artístico e o desenvolvimento local. Trata-se de uma matriz de análise em construção, que começa por identificar algumas tipologias para ajudar a compreender as relações complexas entre os dois campos, e à qual recorreremos para iniciar esta reflexão sobre a singularidade e o lugar das Comédias do Minho nos territórios.

A primeira tipologia estabelece-se a partir da identificação da origem do impulso inicial para o desenvolvimento local. É um impulso exógeno, “top-down”, no qual se procura criar um capital simbólico translocal como fonte de atratividade para visitantes, residentes e atividades económicas? Ou é um impulso endógeno, “bottom-up”, que procura envolver o conjunto de forças locais (população, culturas e tradições) para afirmar a identidade territorial e as suas manifestações? O primeiro modelo corre o risco de “cair como paraquedas” e ser percebido como algo de tal forma estranho à realidade territorial que não consiga com ela dialogar e, portanto, com uma possibilidade limitada de a transformar. O segundo condensa o risco de não ser capaz de se libertar do seu circuito de referenciação para provocar algum tipo de mudança.

A realidade é sempre híbrida face aos modelos teóricos. Estes constituem uma matriz para a análise da realidade social.

No caso das Comédias do Minho a sua missão e história evidenciam uma forte componente “bottom-up”, isto é, um trabalho permanente com as populações e com as instituições, evidenciando as especificidades territoriais numa leitura plural. Relembrando as palavras de Isabel Alves Costa (2014):

Quando pensamos que este projeto nasceu porque cinco presidentes de câmara (...) decidem que, tendo os problemas das populações mais ou menos resolvidos, aquilo que é preciso é uma companhia de teatro que leve o teatro às aldeias... Isto é uma coisa completamente inédita, nunca tinha encontrado autarcas que tivessem esta visão. (p. 15)

A iniciativa de criação das Comédias do Minho surgiu do poder público local, de forças vivas do território, ancorada nas suas comunidades, identidades e tradições culturais. Os seus recursos, porém, são tanto locais, como regionais, nacionais ou transnacionais: as pessoas com quem colaboram, nomeadamente artistas, investigadoras/es, oradoras/es convidadas/os para encontros, formações e publicações; as fontes de financiamento para além do poder público local, que podem ser de carácter nacional e eventualmente internacional, público e privado; as atividades que programam. O projeto Mutantes é o exemplo claro de um modelo de trabalho pedagógico continuado, de intervenção e proximidade junto das comunidades educativas e que mobiliza impulsos externos (artistas e outros profissionais de outras partes do país e do mundo) para promover processos de mudança social e cultural no território, reconhecendo e potenciando as interdependências e diálogos entre o local e o global.

Uma segunda tipologia proposta por Estivill diz respeito à natureza das atividades culturais e aos seus diferentes enquadramentos face à utilidade social da arte e da cultura e face ao papel do Estado, e do apelidado mercado, no seu financiamento. Coloca a tónica na oposição de forças entre as manifestações culturais de tipo mais elitista e as mais orientadas para um consumo massificado. Neste âmbito, distinguem-se designadamente três vertentes no setor cultural: i) as tradicionais manifestações culturais que incluem atividades, tais como as artes plásticas, as artes performativas, os arquivos ou os museus, e cujo carácter elitista se tem vindo, tendencialmente, a esbater ao longo dos anos, com, nomeadamente, a introdução de critérios de sustenta-

bilidade e de financiamento público, associados a uma transformação substantiva das políticas de programação destes espaços, bem como ao desenvolvimento de serviços educativos; ii) as indústrias criativas de natureza reprodutível e de massas, geralmente com fins lucrativos (audiovisual, imprensa, cinema, televisão, rádio); iii) as atividades criativas de design e associadas às novas tecnologias de informação e comunicação (moda, arquitetura, design gráfico e de comunicação, software, jogos informáticos), enquanto fator de criação de mais-valia na produção de bens e serviços²³.

Nesta tipologia, as Comédias do Minho assumem claramente um modelo próximo da primeira vertente, com foco no campo das artes performativas. Todavia, desde a sua génese que se posicionam “no chão do Alto Minho”, para, a partir daí, observar outros “céus”, o “de Berlim”, e o seu próprio. A sua ancoragem é em abordagens e linguagens artísticas contemporâneas, em que se privilegia o desenvolvimento de conceitos, de reflexão, de processos e lógicas de experimentação. Abordagens que valorizam os processos criativos em si mesmos, para além do foco estrito nos objetos artísticos finais. Se esta é a pertença evidente da Companhia de Teatro, estes princípios trespassam todos os eixos de ação das Comédias do Minho. Estão presentes no Projeto Comunitário que, ancorado em tradições populares locais, desenvolve anualmente atividades estruturantes com os grupos de teatro amador e produz o Fitavale e a Queima de Judas, atividades com implantação e implementação nos cinco concelhos. Estão presentes na mais recente incursão pela programação de atividades no eixo da Produção de Conhecimento, como os Encontros Excêntricos da Arte e da Educação. E estão, claramente, presentes no eixo Projeto Pedagógico, no qual a mobilização de linguagens contemporâneas de expressão artística é entendida, desde logo, como instrumento de democratização e literacia artística, contribuindo para a formação de públicos e para a criação de massa crítica no Alto Minho: residentes, cidadãos/ãs, comunidade com participação cívica, associativa, cultural e política ativa. Mas mobiliza também, de forma intrínseca, as culturas ditas populares²⁴ dos territórios, contribuindo para a sua revitalização e renovação e, assim, para a dinamização cultural, social e económica destes territórios. A sua prática é particularmente reconhecida por artistas que auscultamos que, por comparação com outras experiências, falam num caso singular de “trabalho verdadeiramente comunitário”. Este reconhecimento é também

23. Em qualquer uma das vertentes desta tipologia é possível constatar ainda iniciativas com um discurso alternativo acentuado por adjetivos como “independente”, “contra-cultura” ou “underground”.

24. Para uma discussão do conceito de cultura popular, ver Silva (1993).

expresso pelas autoridades municipais que, quando questionadas sobre o papel das Comédias do Minho hoje, perante o crescimento significativo da oferta cultural dos municípios face há 20 anos atrás, são contundentes em identificar como aspeto diferenciador das Comédias o seu trabalho a partir da proximidade-pertença ao território-comunidade do Alto Minho. “As Comédias são a comunidade!”, esclareceu o Presidente da Câmara Municipal de Melgaço.

A terceira tipologia sinaliza a concentração de determinadas atividades criativas em territórios especializados, ou “distritos culturais”, particularmente associadas às tecnologias criativas, mas que podem incluir outros tipos de especialização, como as “*book towns*” que concentram um elevado número de livrarias e atividades literárias. No caso do Alto Minho, verificamos uma profusão de festivais de música (Vilar de Mouros, Paredes de Coura, MuMi, IKFEM) e também de eventos emblemáticos no campo das artes plásticas (Bienal de Cerveira) e do cinema (MDOC), para além das suas múltiplas festas e romarias de carácter etnográfico e religioso (tais como a Nossa Senhora da Agonia em Viana do Castelo, o Corpo de Cristo em diversos concelhos, a Festa da Coca em Monção, a Vaca das Cordas em Ponte de Lima, entre outras).

As Comédias do Minho procedem a uma rutura com este tipo de lógicas. Diferentemente de uma visão de “catedral das artes performativas” do Alto Minho, sediada num dos seus centros urbanos, as Comédias do Minho afirmam uma visão alternativa e comunitária de irradiação territorial, para usarmos a expressão de Estivill. A circulação e descentralização territorial das atividades é parte da singularidade das Comédias, seja através do seu Projeto Comunitário, das suas atividades pedagógicas ou das suas atividades de criação e programação artística (como o *Fitavale*, o *Há filmes no largo*, *Uma roda entre histórias*, entre outros). Estas atividades circulam e entrelaçam os vários territórios, desde as sedes dos municípios até às suas aldeias mais remotas.

O convite que as Comédias do Minho lançam à circulação das suas atividades pelos territórios tem um contributo fundamental de resistência ao modelo unipolar e de deslaçamento territorial de que nos fala José Reis (2020). É intencional o impulso das Comédias e do Mutantes para criar contra-centralidades que atraem as pessoas de dentro e de fora para estes territórios, tornando-os territórios vivos e vividos – “território usado”, para usarmos a definição de Milton Santos: “O território usado é o chão mais a identidade” (2007, p. 14). E ainda extravasa fron-

teiras nacionais e se amplia para uma noção transfronteiriça de Minho que se estende até à Galiza (com a participação de pessoas dessa geografia nas atividades do projeto Mutantes e das Comédias do Minho).

Neste sentido, assumem um lugar não apenas na preservação e produção identitária e cultural do Alto Minho, nas suas dimensões sociais e culturais, mas também de rutura com as mais recorrentes visões económicas (quando não economicistas) das artes e da cultura. Contribuem para o desenvolvimento socioeconómico destes territórios, impulsionando visitantes que consomem, atraindo novos residentes, criando emprego, contribuindo para a qualificação das populações, criando um efeito de “contaminação” sobre outras iniciativas locais, fomentando a capacidade imaginativa dos territórios.

Estes processos são, evidentemente, indissociáveis do papel e relações de forças entre os diferentes atores locais. Continuando a leitura pelas chaves analíticas de Jordi Estivill, o maior protagonismo de atores locais (administração pública local, economia social e solidária, agentes económicos, cidadania e comunidade) constitui um fator decisivo e fundamental para a continuidade e sustentabilidade destes processos. No atual contexto político português de transferência de competências do Estado para as autarquias, o papel das e dos responsáveis públicos locais é ainda mais reforçado²⁵.

Sustentamos, assim, que as Comédias do Minho, de uma forma geral, e o projeto Mutantes, em particular, têm tido um papel central no desenvolvimento local, contribuindo, não apenas para o adensar das dinâmicas territoriais, mas também para a intensificação das relações entre espaços, pessoas, ideias e culturas. Tem ainda permitido introduzir – também por força das motivações dos poderes locais – novas visões acerca do papel da cultura no desenvolvimento social e económico, em articulação com outros projetos e iniciativas que procuram tornar “central” aquilo que é “periférico”.

25. Processo iniciado com a publicação da Lei n.º 50/2018 de 16 de agosto – Lei-quadro da transferência de competências para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais.

5. O projeto mutantes como catalisador de um território vivo

“Não pergunes do que o mundo precisa. Pergunta-te o que é que te faz sentir vivo. E vai fazer isso, porque o que o mundo precisa é de pessoas que se sintam vivas.” Esta frase de Howard Thurman abre o programa anual das Comédias do Minho, como introdução a dezenas de páginas que detalham o intenso leque de atividades a desenvolver em 2023. *Como têm contribuído as Comédias do Minho, e o projeto Mutantes em particular, para fazer do Alto Minho um território vivo, um território com identidade, com pessoas, organizações, instituições dinâmicas e participativas?* Vejamos as perspetivas de vários atores sociais.

Administração pública local

O apoio político e financeiro de responsáveis políticos é fundamental para o projeto Comédias do Minho. Foram estes atores institucionais que estiveram na sua origem há 20 anos atrás. Todavia, esse compromisso tem que ser reconquistado e reafirmado a cada novo ciclo político, para lá das vontades pessoais e partidárias, em prol de um interesse geral. Como referido pelo/a representante de um dos municípios, quando assumiram o executivo, houve um estranhamento em relação à verba prevista para as Comédias do Minho no orçamento do município; contudo estas dúvidas dissiparam-se ao observarem a densidade da estrutura, missão e atividades desenvolvidas ao longo do ano. A participação dos cinco municípios, enquanto membros associados, nas assembleias e nos vários documentos estratégicos, é de extrema importância para a criação de um ambiente favorável e partilhado ao desenvolvimento do trabalho das Comédias do Minho. É assim que escutamos alguns representantes dos municípios a referirem-se às Comédias do Minho como “nós”:

É um projeto transversal, que não tem sido colocado em causa ao longo destes anos. E isso é o melhor e maior sinal da importância que o projeto tem e a instituição tem para todos nós. (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Valença)

No geral, estes atores reconhecem que as Comédias do Minho são “um projeto único”, no território do Alto Minho e para além deste, “pela sua capacidade de se fazer presente e emergir na comunidade” (Presidente da Câmara Municipal de Melgaço) e de “colocar este território nos mapas artísticos” (Presidente da Câmara Municipal de Paredes de Coura). O trabalho a partir da comunidade e da “interação com a natureza, com o meio ambiente e a capacidade de mostrar aquilo que que se faz de mais arrojado na contemporaneidade é disruptivo e é atrativo” (Vereador de Cultura da Câmara Municipal de Caminha) e constituiu uma forma de afirmação destes territórios.

Este trabalho de permanência acho que é fundamental porque há um fio condutor na estratégia de comunicação e o impacto é mais duradouro para quem participa nestas iniciativas. Daí que eu acho que estas estruturas são fundamentais para o território. São ativos muito importantes e até deveria de haver mais possivelmente. (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima)

No entanto, as auscultações realizadas denotam diferentes graus de compromisso, em que alguns reclamam a necessidade de um trabalho ainda mais próximo e regular entre as Comédias do Minho e os municípios, enquanto outros se mostram mais distantes e ausentes.

Igualmente fundamental é o facto de referirem o papel dos técnicos e das técnicas municipais pela sua posição de mediação, dinamização e parceria com as Comédias do Minho e em projetos como o Mutantes. São os técnicos que garantem pontes e linhas de continuidade para lá das mudanças de ciclo político:

... há sempre aqui uma ligação muito apertada, também já são 20 anos, sendo que muito funcionários com quem trabalham já estão aqui há 20. Temos um à-vontade, uma ligação e um enquadramento que ajuda muito. (...) já há aqui umas sinergias muito bem aferidas entre eles... (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira)

Instituições sociais, culturais e educativas

As Comédias do Minho estão sediadas em Paredes de Coura, pelo que a realização das suas atividades nos territórios depende das parcerias

com instituições locais. É através destas instituições que também se estabelecem articulações com outras iniciativas culturais, sociais e educativas da região, designadamente no campo da cultura dita popular (bandas, coros, grupos de teatro amador) e da intervenção junto dos grupos mais “invisíveis” no território (pessoas institucionalizadas, imigrantes, idosos, etc.).

No caso do projeto Mutantes, enquanto programa de educação artística, as escolas constituem um parceiro-chave. Por vezes, os ciclos letivos e as temporalidades das escolas não se coadunam com o ciclo de implementação dos projetos, o que gera bloqueios e resistências iniciais, tal como se verificou pela dificuldade em constituir e manter os grupos de jovens em algumas escolas e em encontrar turmas com horários compatíveis para integrem o projeto, fazendo com que por vezes a constituição do grupo não fosse a preferencial, mas sim a possível de acordo com os horários e turmas disponíveis. Neste sentido, o capital social adquirido após a experiência do projeto é determinante para a tomada de consciência da sua importância e para a construção de parcerias que possam prevalecer para além dos ciclos dos projetos, de modo a serem centrais no desenvolvimento de processos futuros.

No interior das escolas, o papel de professores e professoras é essencial na implementação do projeto, em particular das oficinas de continuidade, e na sua articulação com as realidades específicas de cada contexto. Existe, contudo, ainda alguma ambiguidade em relação ao seu papel. Alguns/mas professores/as veem o seu papel como de retaguarda, de organização e intermediação para garantir e gerir a implementação das oficinas na escola: “coordenar, apoiar o trabalho a nível da preparação, da participação dos meninos, o papel de intermediário quase” (professor/a). Referem-se à imagem de “elo de ligação”, considerando a sua presença nas oficinas importante para perceber o trabalho desenvolvido e continuar a, de alguma forma, estimular esse trabalho durante o resto da semana, reconhecendo, contudo, as suas limitações de tempo para fazer esse acompanhamento:

A minha função foi tentar organizar o grupo e tentar criar ali laços que permitissem o início e o gosto pela atividade e difusão na escola. Infelizmente, poucas vezes pude diretamente apreciar o trabalho dos alunos e dos artistas, o que o que muito me entristeceu, porque eu gosto bem de ver. (...) A minha partici-

pação foi diminuta, foi apenas contribuir para algo, para tentar alguma organização. (professor/a)

Este papel articula-se com o de vigilância do “bom comportamento dos/as jovens”. Alguns/as professores/as assumem um papel mais questionador do processo de trabalho e metodologia aplicada pelo/a artista, enquanto outros/as optam por não estar presentes nas sessões. Nota-se ainda uma vontade de poderem assumir um papel mais ativo e de coconstrução nos processos de aprendizagem:

... Eu achava que ia haver mais possibilidade de trabalho partilhado. Gostava de ter visto as oficinas ligadas com uma ideia de escola, uma ideia de dança e teatro com uma apresentação final mais sentida pelos alunos, mais partilhada. (professor/a)

Neste trajeto, os/as professores/as passam também por um processo de aprendizagem (em relação às linguagens artísticas, às dinâmicas e ferramentas mobilizadas):

Se calhar eu fui para lá com uma ideia do que é que é o teatro, mas vi outras formas de trabalhar que já apliquei nas aulas de educação física, por exemplo, não é? Portanto, é uma aprendizagem para todos e é um desconstruir (professor/a).

... eu acredito neste trabalho que cresce, conjuntamente, ao mesmo tempo do resto. Eu fiz questão de participar sempre, porque estava também a crescer e estava também a aprender algumas coisas. E só não aparecia quando mesmo não podia vir (professor/a).

Além das escolas, a relação com a ação social dos diferentes municípios também foi um aspeto distintivo do projeto Mutantes, atendendo aos seus objetivos de inclusão ativa de grupos vulneráveis. Esta articulação efetivou-se de forma heterogénea, encontrando uma adesão e entusiasmo em alguns casos e, noutros casos, falta de motivação para apoiar a sua implementação.

O projeto Mutantes propôs-se também intervir, através das dez oficinas de capacitação da “Rota Mutante”, ao nível dos vários agentes educativos que trabalham com jovens, numa lógica de capacitação destes

agentes, expondo-os a novos estímulos e reflexões e contribuindo para gerar massa crítica nos territórios. Uma das evidências radica no facto de a maioria dos/as participantes indicar já ter aplicado conhecimentos e ferramentas adquiridas nas oficinas de capacitação (figura 4).

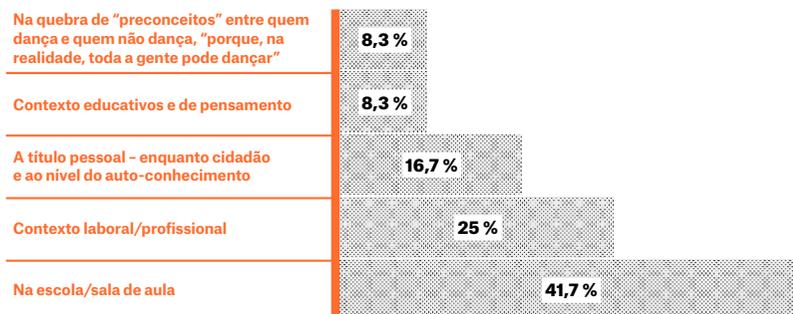


Figura 4. Modalidades de aplicação de conhecimentos e ferramentas aprendidos nas Oficinas de Capacitação - Rota Mutantes

Nas palavras de participantes:

Há momentos que se aproveitam como por exemplo o Parar. Não costumava parar nas aulas, mas agora de vez em quando se vejo a turma muito agitada, paro e vamos dançar! 30 minutos para dançar ou para esticar ou para qualquer coisa, para eles fazerem ali uma quebra. E resulta!

Cresci e abri horizontes que acho que não tinha.

Era sempre diferente. De conelho para conelho, as pessoas que aparecem são diferentes e criam-se outras interações; em tudo isto se aprende, tiram-se pormenores. Já fiz muitas [oficinas] com eles e tiram-se sempre coisas positivas.

O facto de se ter explorado diferentes áreas, quer teatro, a dança, mediação, filosofia... Foi enriquecedor dar às pessoas ferramentas quer pessoais quer profissionais e sobretudo na relação com «o Outro», quer na família, quer na escola, com os alunos e os pais. Foi muito interessante!

Os resultados destas oficinas para os participantes, de acordo com os diversos intervenientes, relacionam-se com os seguintes aspetos: o aprofundamento da relação entre arte e educação e a importância de estarem em contacto com outro tipo de estímulos, sensibilidades e questionamentos; a apropriação de novas ferramentas e competências artísticas (dinâmicas que poderão adaptar nos seus contextos de trabalho com jovens); as aprendizagens a nível pessoal e de autoconhecimento; a maior aproximação às Comédias do Minho e às suas várias atividades, contribuindo para a formação de massa crítica nos territórios e deixar potenciais lastros de continuidade após o fim do projeto.

Artistas

O papel dos e das artistas foi o de facilitador/a de um impulso "externo" em relação às linguagens artísticas contemporâneas, o que se articula com um papel de provocador/a e cuidador/a, no sentido de fomentar o pensamento crítico e criativo e estabelecer relações de proximidade com os/as jovens e potenciar "espaços seguros e abertos" que lhes permitam sentir confiança para abordar questões mais delicadas e complexas, questionar paradigmas dominantes e ir mais fundo no seu processo de aprendizagem, promovendo a transformação pessoal e social.

Este papel é particularmente desafiante e exige também uma forte abertura e sensibilidade para trabalhar a partir das características de cada grupo, num processo que é também de importantes aprendizagens para artistas e de reajuste de expectativas, planeamento e ferramentas a partir desse encontro:

O nosso papel de artistas educadores... esse é um papel lixado. Porquê? Bem, porque o papel é procurar pela arte mexer em algumas coisas (...). Mas para mim, o papel que carrego sempre é quebrar a lógica! Porque quando chego a um grupo de jovens é tudo muito lógico, tudo, tudo segue uma lógica demasiado incutida, o que é natural. Então é começar a questioná-los e que eles tenham opinião. E que a opinião deles tem valor. Este não é um exercício direto, de chegar lá e dizer "Olhe, vamos para uma questão e agora vocês vão responder". É de uma forma indireta, mas na verdade é mexer com isto.

Uma parte dos/as artistas aborda as oficinas como um “espaço de partilha e experimentação”:

Se calhar o primeiro objetivo é sentir o grupo, perceber qual a matéria que está ali à nossa frente e a partir de aí começar a desenvolver o trabalho. (...) na minha perspetiva acho que são os próprios participantes que vão definindo, não digo o objetivo, mas o grau de compromisso em relação ao que se vai fazendo.

Desta forma, as propostas passam por promover uma aproximação às práticas artísticas, como o teatro, “e ampliar mais a ideia de teatro do que fechá-la num determinado conceito, definição – questões como a interação do grupo e autoconhecimento.” Passam também por uma preocupação de criar um “ambiente seguro” e perceber “O que os deixa confortáveis? O que é que vos diverte? O que é que não vos diverte?”, convocando um papel ativo e de responsabilização dos/as participantes na construção das atividades.

Outra parte dos/as artistas desenvolveu uma proposta mais focada em cumprir o objetivo do projeto Mutantes de trabalhar as questões da identidade, planificando um conjunto de recursos, “situações de jogo e trabalho de grupo”, para cumprir esse fim. Contudo, ao confrontar-se com as características específicas do grupo são desafiados/as a “rever as suas expectativas”, a “reestruturar o seu planeamento” ou simplesmente “deixar fluir”, ainda que mantendo o mesmo objetivo como fio condutor.

A ideia do que é mutante também foi uma linha orientadora para alguns dos trabalhos, como um caminho que foi sendo percorrido e construído conjuntamente.

Outra linha, ainda, foi o alargar de horizontes em relação ao que são as diferentes linguagens artísticas:

Tento sempre alargar horizontes no sentido da perceção do que é que pode ser dançar. E, junto com isso vem muita coisa ou tudo: posicionamentos políticos, referências de filmes, de músicas... acredito que está tudo ligado e normalmente é através da forma de mexer que começa a trabalhar.

Para o desenvolvimento das suas propostas os estímulos são variados, passando por “exercícios”, “ferramentas” e uma dimensão lúdica com “jogos de grupo”; “práticas de atenção, de consciência corporal, de ligação aos sentidos e às emoções”; “uma palavra por dia que gostava que fosse o mote de uma conversa matinal”; trabalho corporal; esportes; objetos pessoais como mote para “contamos a nossa história, e tornarmos isso em alguns atos performativos”; visualização de documentários; escuta de música; etc.

A partir desses estímulos foi-se construindo um trabalho e uma criação coletiva que foi necessário materializar e sintetizar num objeto final, para atender ao objetivo de fazer uma apresentação pública.

Eu acho que nós trabalhamos materiais e não tentamos transformar materiais em representação, espetáculos. Acho que a ideia era mesmo eles trabalharem as coisas: “O que é que vocês têm necessidade de apresentar? E de mostrar às pessoas?” Isso foi um bocadinho a questão importante, se calhar um dos meus objetivos foi dar-lhes um bichinho da arte, como uma necessidade para fazer das nossas vivências coisas maravilhosas.

Dentro dos desafios que se foram colocando, os/as artistas referem-se ao seu trabalho no projeto Mutantes como sendo de aprendizagem pessoal e muito gratificante, como sintetiza este testemunho:

... Comecei do aspeto mais óbvio e da envolvente na perspetiva da natureza e do espaço exterior, e depois começámos a recolher, a falar do grupo e a falar da envolvente até chegar à identidade. Portanto, na realidade eu comecei no início da semana a falar de uma coisa mais ou menos imensa para acabar na sexta-feira com uma conversa que foi maravilhosa com eles sobre cada um, não é assim?

Comunidade

Diz-nos Estivill (2022) que a maioria dos autores estão de acordo que quanto maior e mais diversificada é a participação da comunidade nas atividades culturais e artísticas, maior visibilidade e legitimidade estas adquirem e maiores são as possibilidades de contribuir para o desenvolvimento local. Isto sucede, em particular, quando se passa de uma

consciência individual para uma vontade coletiva de defesa da identidade do território e de emancipação comunitária.

As auscultações aos vários atores sociais indicam que as Comédias do Minho são um resultado e um motor destes processos em curso no território do Alto Minho. O seu programa de criação e formação artística permite às populações estarem em contacto permanente com linguagens artísticas contemporâneas; o Projeto Pedagógico tem como principal missão aproximar a comunidade da arte e através da arte; o Projeto Comunitário tem como eixo central o trabalho desenvolvido com grupos de teatro amador e o envolvimento das populações e do tecido associativo local (intervenções artísticas em espaços públicos, patrimoniais, naturais e/ou culturais); as atividades no eixo da Produção de Conhecimento oferecem uma programação alargada e diferenciada. Todos estes elementos concorrem para este processo de afirmação e revitalização da identidade do território e para a formação de uma sociedade civil dinâmica, crítica e participativa.

Em particular, os responsáveis políticos reconhecem os impactos na comunidade deste trabalho continuado das Comédias do Minho ao longo de 20 anos:

... seria insensato não aproveitar o conhecimento, a experiência e o talento que o projeto tem e não o colocar ao serviço da comunidade e da dinâmica cultural e económica também do próprio território. E isso implica o quê? Implica um trabalho a longo prazo. Ou seja, logo no início do ano reunir as pessoas, planejar, para que durante o ano haja uma oferta continuada, estruturada. (...) é preciso um trabalho de planeamento e de abertura constante, mas nós não podemos é perder o sentido mágico... (Presidente da Câmara Municipal de Paredes de Coura)

Há um público fiel que vai lá estar (...) algo que me admiro e que valorizo é que se vê jovens adultos a vir ver essas peças [mais contemporâneas]... Acredito que seja fruto do trabalho, porque estou a falar aqui nas idades dos 19 – 20. (...) se calhar isto já é fruto, se estamos a falar de jovens entre os 20 e poucos, 25, a idade de faculdade, muitos deles, portanto, juntando 20 anos lá vai mais ou menos a idade em que isto começou... já se nota, os frutos deste processo. (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira)

... o nosso palco muitas vezes é a associação cultural da freguesia, é o centro paroquial, é a casa senhorial da aldeia que toda a gente tem um respeito e que toda a gente tinha curiosi-

dade de saber como é que aquilo é, toda uma envolvimento que faz com que as pessoas queiram participar porque tinham curiosidade de... Portanto, o cuidado que as Comédias sempre tiveram de trabalhar com a comunidade em si, ou seja, descentralizar... É para trabalhar com a Junta de Freguesia, é para trabalhar com a associação Cultural que lá existe, é para trabalhar, se for preciso, com as próprias IPSS, fazendo lá, descentralizando, ou fazendo que eles venham cá. (Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira)

É também na comunidade que é recrutada a equipa de monitores/as de apoio aos projetos. No caso das oficinas sazonais do projeto Mutantes, destaca-se a sua importância para reforçar relações de proximidade com os/as jovens e o território e contribuir para o bom desenvolvimento das sessões. A sua participação no projeto constitui também uma oportunidade para a sua própria capacitação através da vivência de um processo artístico e pedagógico fora do paradigma escolar e académico.

Colocam-se, no entanto, alguns desafios e questionamentos em relação à sua responsabilidade perante questões mais complexas na gestão dos grupos (designadamente perante questões comportamentais e clínicas dos grupos de jovens).

Jovens

Os jovens constituem o principal público-alvo do projeto Mutantes, a quem se proporcionou um programa de oficinas de continuidade e sazonais, com resultados importantes a nível individual e coletivo, que contribuem para nutrir este território. Em vários momentos de auscultação, foi possível chegar a algumas conclusões que importa salientar.

No caso das oficinas de continuidade, os jovens destacam um conjunto de aprendizagens (figura 5). Em primeiro lugar, destaca-se o desenvolvimento de competências pessoais relacionadas com a melhoria de aspetos como a autonomia, ansiedade, autoestima e expressão oral e corporal. “Aprendi a ser pessoa”, sintetiza uma jovem. Dentro destas, autonomizamos pela sua relevância o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, e de consciência cívica: “Aprendi a entender o que se passa ao meu redor”.

De seguida, destaca-se um conjunto de aspetos referentes à dimensão relacional, como o desenvolvimento de um sentido de cole-

26. Um estudo nacional promovido pelo Ministério da Educação demonstrou que um terço dos alunos das escolas portuguesas apresentava sinais de sofrimento psicológico (Matos, 2022).

No mutantes, eu aprendi... (%)

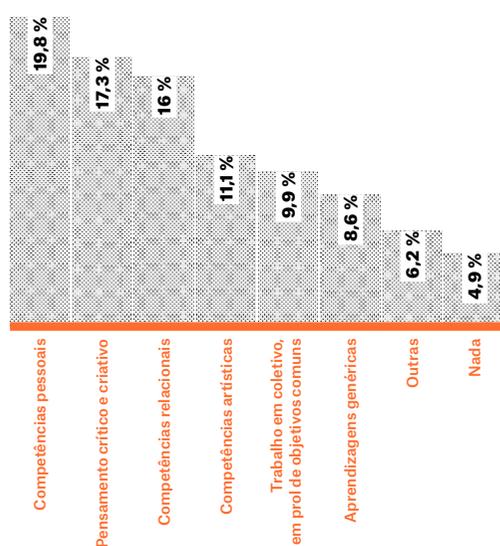


Figura 5. Aprendizagens de jovens participantes das Oficinas de Continuidade

tivo e as oportunidades de socialização e amizade, que são fortemente favorecidas por este tipo de atividades. Estas questões são particularmente relevantes quando, no início do projeto, as e os jovens manifestavam sentimentos de timidez, inibição e insegurança, sentimentos que as/os marcam, acentuados por um contexto pandémico que obrigou ao distanciamento social e provocou níveis significativos de sofrimento psicológico, conforme evidenciado por alguns estudos²⁶.

São ainda salientadas competências de fruição e criação artística – “Aprendi que dançar pode ser qualquer coisa ou gestos” – e a aprendizagem do trabalho em coletivo.

Assim, os resultados do projeto Mutantes dão conta de trajetórias de superação, crescimento e aprendizagem, a nível individual e coletivo, percecionadas como tendo resultado em mudanças positivas na maioria destes/as jovens.

No caso das oficinas sazonais, são salientados o mesmo tipo de aprendizagens e indicadores do que nas oficinas de continuidade, mas

comparativamente, aqui as competências de criação e fruição artística surgem destacadas em primeiro lugar, ao serem referidas por quase metade dos/as jovens. A análise dos dois tipos de oficinas dirigidas a jovens indica que nas oficinas de continuidade valorizam o desenvolvimento de relações e experiências e nas oficinas sazonais destacam a dimensão artística. A análise dos dados indica que as oficinas sazonais contribuem para criar condições e novas competências para a fruição e criação artística, através de diferentes formas: pelo seu formato de imersão intensiva num processo de criação artística facilitada por um/a artista convidado/a; pela vivência de diferentes exercícios e práticas artísticas e de consciência corporal; pelo incentivo a aprofundarem, de novas formas, competências artísticas que já traziam (em particular no caso da música); pelo contacto com os trabalhos de outros grupos que se gerou no momento conjunto de apresentações finais das oficinas sazonais de verão.

Sendo o objetivo central do projeto Mutantes “incluir” e “empoderar” jovens e valorizar a diversidade, importa ainda perspetivar como estas dimensões foram equacionadas no âmbito do projeto. De facto, no modelo de intervenção, a inclusão social operacionaliza-se por via da diversidade e mistura de jovens com diferentes perfis sociais, características e situações de vulnerabilidade, procurando superar barreiras e proporcionar patamares de equidade a jovens de diferentes territórios e de contextos socioeconómicos variados, para que todos e todas possam contactar com linguagens artísticas contemporâneas e com as diferentes realidades de outros/as jovens. Os dois tipos de oficinas permitiram a participação de jovens com diferentes perfis: jovens com necessidades e recursos especiais, jovens com algum tipo de problemas pessoais e familiares, e ainda, no caso das oficinas sazonais, jovens sinalizados/as pelos serviços de ação social.

A valorização da diversidade e heterogeneidade é destacada positivamente pelos próprios jovens, sendo perspetivada como um desafio acrescido por parte de artistas e monitores/as, ao terem que lidar com várias faixas etárias e múltiplas situações de vulnerabilidade.

A ética de cuidado do trabalho das Comédias do Minho e em particular dos e das artistas, procurando criar “espaços seguros e abertos”, onde os/as jovens se sintam confortáveis e acolhidos/as para partilhar livremente questões que são relevantes e/ou sensíveis para si, foi fundamental para enfrentar estes vários desafios. Uma parte dos/as jovens

encontrou aqui uma oportunidade de colmatar necessidades não atendidas noutros contextos (como o escolar ou familiar), em particular em termos de socialização, relação com o corpo, questões de género (violência, identidades não normativas) – problemáticas que são de resto estruturantes das nossas sociedades. Pontualmente, algumas atividades foram consideradas demasiado “invasivas” ou “aborrecidas”, o que reforça a importância dos fatores cuidado e tempo para conseguir trabalhar as questões e avançar para uma zona de enfrentamento e de aprendizagem.

Propus-lhes trabalhar em torno da emoção da vergonha. E foi giríssimo (...) foi uma porta de entrada para questões de identidade. Foi uma forma de os e as conhecer melhor. (...) Uma coisa muito gira que começou a acontecer foi o dia em que trouxeram imensas questões pessoais e íntimas; aquilo foi muito forte e começou a haver uma escuta incrível. Acho que eles perceberam que eram tão importantes a fazer e a dizer como a escutar o outro. Começou a haver uma escuta, um respeito e também um carinho. (artista)

Porque estamos a trabalhar confiança, a escuta e isso tudo e, de repente, partilham coisas que tu vês claramente que eles não têm este espaço no seu dia a dia para partilhar e não sei se isso é artístico, não sei se isso é uma relação com a arte, não é. Mas isso é uma grande mudança para mim enquanto artista, a responsabilização que me dá e também a potência que vejo nesse momento. (artista)

No geral, trata-se de uma trajetória de superação, crescimento e aprendizagem, a nível individual e coletivo, percecionada como tendo resultado em mudanças positivas (muitas delas decisivas) pela maioria destes/as jovens.

A perspetiva dos/as jovens é ainda reforçada pela avaliação feita pelos restantes atores sociais. Foi relativamente consensual para os parceiros o entendimento de que as oficinas Mutantes constituíram uma oportunidade singular para os/as jovens participantes. Essa singularidade e o facto de não estar disponível para todos/as veio associada ao questionamento de se a sua frequência deveria ser obrigatória ou não, tendo a decisão ficado ao critério de cada escola, convocando diferentes linhas de argumentação. Por um lado, a obrigatoriedade pode preju-

dicar aqueles que realmente têm vontade de participar. Por outro lado, a obrigatoriedade é associada à responsabilização dos participantes e é vista como forma de ultrapassar a resistência que determinados grupos oferecem perante propostas novas.

De referir ainda que os vários interlocutores destacam acima de tudo a importância do processo desenvolvido no âmbito das oficinas. Não obstante, o momento de apresentação final é também destacado como um resultado materializado e momento de partilha do processo desenvolvido, embora proponham uma reflexão sobre uma noção mais expandida de “apresentação final”, que possa incluir cada vez mais formatos e responder às diferentes necessidades dos diferentes perfis de participantes (mostras performativas, conversas, assembleias, workshops dados por participantes a outros participantes, refeições partilhadas, etc.).

6. “Com os pés um pouco fora do chão”²⁷: por matrizes sociais, culturais e territoriais emancipadoras

O trabalho de proximidade com as realidades locais é reconhecido como diferenciador dos projetos pedagógico e comunitário das Comédias do Minho, por contraposição a outros projetos artísticos em comunidade realizados em Portugal. Não constitui um caso único, mas condensa formas de trabalho comunitário e de cultura municipal destacadas, pela sua presença permanente, persistente e, atrevemo-nos a afirmar, estruturante nesses territórios. As Comédias do Minho podem, assim, afirmar-se como uma estrutura de distinção no Alto Minho e de revitalização das tradições e identidades locais em articulação com a abertura a novos mundos e reflexões.

No final deste processo, no final do projeto Mutantes, não há elementos de rutura face ao passado e à missão das Comédias do Minho, mas há, seguramente, um aprofundamento do seu trabalho constante na construção de matrizes que têm como pilares Arte, Educação, Território e Reflexão.

Chegamos, obviamente, a um lugar diferente daquele de onde partimos e novas questões se abrem. Designadamente, e como referimos, as ambivalências a respeito do papel dos/as professores/as, da

27. Do título de Duarte, 2021.

Referências

Bydon-Miller, M., Aragón, A.O., Friedman, V.J., e Kroeger, S. (2022). *The fine art of getting lost: ethics as a guide to transformative learning in participatory research*. Institute of Development Studies. <https://www.participatorymethods.org/resource/fine-art-getting-lost-ethics-guide-transformative-learning-participatory-research>

Cage, J. (1989). *An Autobiographical Statement*. John Cage Trust. https://www.johncage.org/autobiographical_statement.html

Costa, I.A. (2014). *As Comédias do Minho...* Em: Domingues, C. e Vaz, J.P. (ed.), *A Metamorfose das Paisagens – Comédias do Minho 2004-2013* (p. 15). [s.l.]: Comédias do Minho.

D’Andrea, T.P. (2022). *A Formação das Sujeitas e dos Sujeitos Periféricos. Cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: Dandara Editora.

Duarte, M.A. (2021). Com os pés um pouco fora do chão: texto-preparado e citação nos escritos de John Cage. *Texto Poético*, 17 (32): 199-224. <https://doi.org/10.25094/rtp.2021n32a750>

Estivill, Jordi (2022). Un encuentro fructífero? Cultura y desarrollo local. *Mundo Crítico - Revista de Desenvolvimento e Cooperação*, 8: 133-150.

Martinho, A.L. (2022). *Trabalho inclusivo e digno de pessoas em situação de vulnerabilidade: das políticas às metodologias de acompanhamento em organizações da economia social*. Tese de Doutoramento em Economia Social, Universitat de Valencia.

Matos, M.G. (coord.) (2022). *Saúde psicológica e bem-estar. Observatório de Saúde Psicológica e Bem-Estar: Monitorização e Ação*. Direção-Geral da Educação. [https://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?-newsId=1357&fileName=-SaudePsi_final.pdf](https://www.dgeec.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?-newsId=1357&fileName=-SaudePsi_final.pdf)

Pereira, V.P. (2014). *As Comédias do Minho...* Em: Domingues, C. e Vaz, J.P. (ed.), *A Metamorfose das Paisagens - Comédias do Minho 2004-2013* (pp. 10-11). [s.l.]: Comédias do Minho.

Quintão, C. e Marques, J. (2022). *A urgência de ler o mundo: Pobreza e Desigualdades*. Coleção Estudos Formativos ED-Comunicar, ADRA Portugal. https://issuu.com/adraportugal/docs/af_pobreza_desigualdades_est_formativo

heterogeneidade dos grupos, da obrigatoriedade, do formato da apresentação final. Questões que, como discutido no Encontro final do projeto Mutantes, não têm que ficar encerradas, mas que se reabrem a cada desenho de um novo projeto.

Neste desafio de cruzamento de mundos, em que todos e todas temos algo a ensinar e a aprender, são necessárias temporalidades lentas, de resistência à projetificação, para construir relações de confiança, parceria e reciprocidade e aprendizagens mais profundas através de experimentação e reflexividade coletivas.

Impõe-se, deste modo, desenvolver práticas e *modi operandi* de emancipação dos atores sociais e das instituições, tendo as artes, seguramente, um contributo central pelo seu poder (desejavelmente) transformador, irreverente e visionário.

Como diz o artista e pensador John Cage, na sua declaração autobiográfica:

Uma vez perguntei a Aragão, o historiador, como é que se escrevia a história. Ele respondeu: “É preciso inventá-la”. Quando quero, como agora, falar dos incidentes críticos, pessoas e acontecimentos que influenciaram a minha vida e o meu trabalho, a verdadeira resposta é que todos os incidentes foram críticos, todas as pessoas me influenciaram, tudo o que aconteceu e que ainda está a acontecer me influencia. (...) [O meu pai] disse-me que se alguém diz “não podes”, isso mostra-nos o que fazer. (...) Nenhum dos meus pais andou na universidade. Quando eu andei, desisti ao fim de dois anos. Pensando que ia ser escritor, disse à minha mãe e ao meu pai que devia viajar para a Europa e ter experiências em vez de continuar a estudar. Na faculdade, fiquei chocado ao ver cem dos meus colegas na biblioteca, todos a ler cópias do mesmo livro. Em vez de fazer como eles, fui às prateleiras e li o primeiro livro escrito por um autor cujo nome começava por Z. Tive a nota mais alta da turma. Isso convenceu-me de que a instituição não estava a ser gerida corretamente. Fui-me embora. (...) Em Sevilha, numa esquina, apercebi-me da multiplicidade de acontecimentos visuais e sonoros simultâneos que se conjugavam na experiência de cada um e produziam prazer. Foi o início para mim do teatro e do circo. (...) Comecei a bater, a esfregar tudo, a ouvir, e depois a escrever música de percussão, e a tocá-la com amigos. Estas composições eram constituídas por motivos curtos expressos em som ou em silêncio com a

mesma duração, motivos que eram arranjados no perímetro de um círculo sobre o qual se podia avançar ou recuar. Escrevi sem especificar os instrumentos, aproveitando os nossos ensaios para experimentar instrumentos encontrados ou alugados. (...) Encontrei bailarinas, bailarinos modernos, que se interessavam pela minha música e podiam utilizá-la. Sentia-me perturbado tanto na minha vida privada como na minha vida pública de compositor. Não podia aceitar a ideia académica de que o objetivo da música era a comunicação, porque reparei que, quando escrevia conscientemente algo triste, as pessoas e os críticos estavam muitas vezes suscetíveis a rir. (...) No final dos anos 40, descobri por experiência que o silêncio não é acústico. É uma mudança de mentalidade, uma reviravolta. (...) Pensando na orquestra não apenas como músicos, mas como pessoas, fiz diferentes traduções de pessoas para pessoas em diferentes peças. (...) A minha música preferida é a música que ainda não ouvi. (...) A vida não tem fim. (Cage, 1989, tradução nossa)

Resta-nos agradecer a oportunidade de partilhar e participar deste processo e celebrar do chão do Alto Minho para o céu de Berlim.

Reis, J. (2020). *O território: reorganizar internamente o país depois do modelo unipolar e do deslaçamento territorial*. Em Reis, J. (coord.), *Como reorganizar um país vulnerável?* (pp. 295-329). Lisboa: Actual Editora.

Santos, M. (2007). *O dinheiro e o território*. Em: Santos, M. et al. (eds.), *Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3.ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina.

Silva, A.S. (1993). *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*. Porto: Afrontamento.